

Estórias Iluminadas
uma celebração a

ABYA YALA



ESTÓRIAS ILUMINADAS

Uma celebração a Abya Yala

Xan Marçall Mo Maie Liz Novais Jussara Fonseca



1 EDIÇÃO (DIGITAL) - SALVADOR, 2021.

M313 MARÇALL, Xan et al.

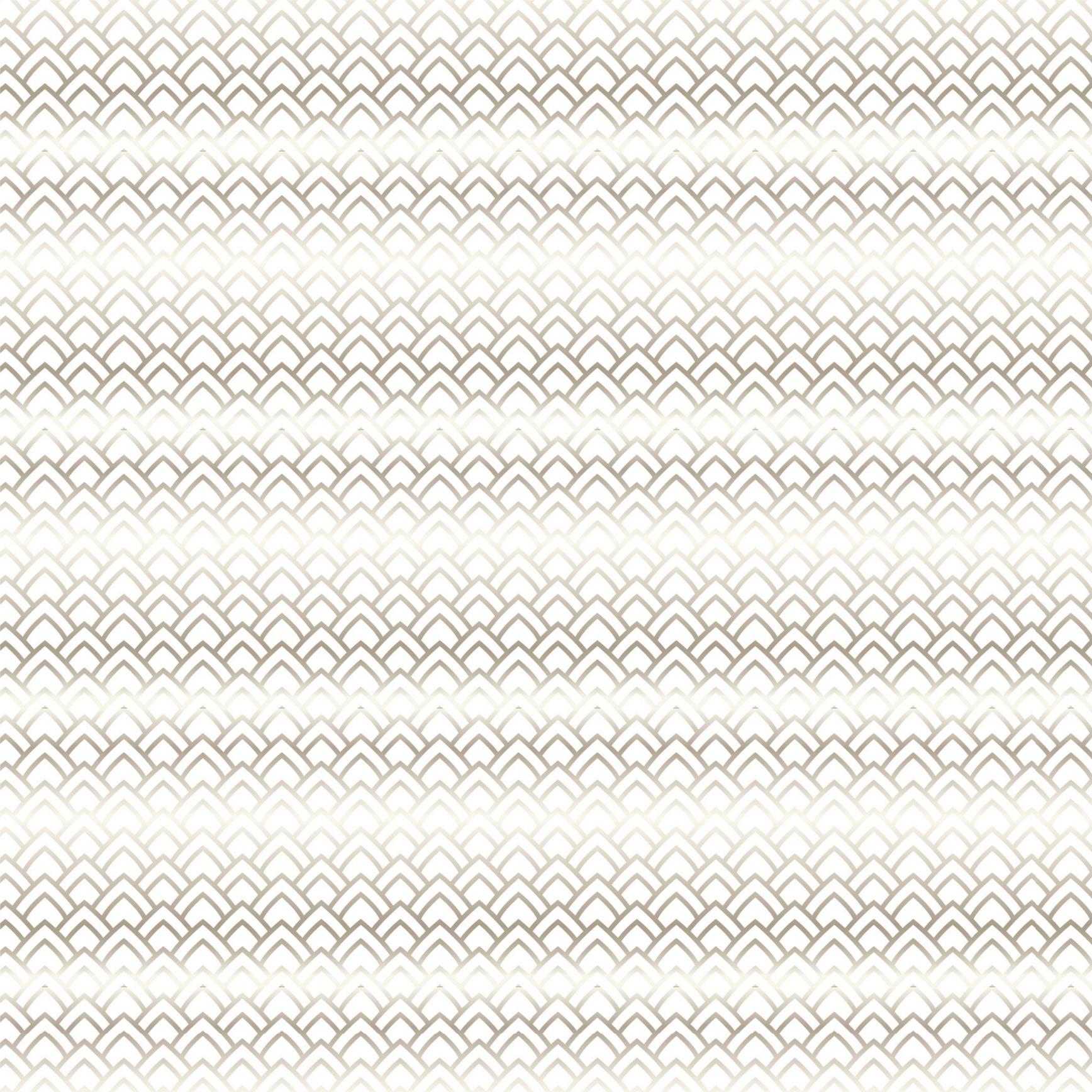
Estórias iluminadas: uma celebração a Abya Yala [recurso eletrônico] / Xan Marçall, Mo Maie, Liz Novais, Jussara Fonseca.

1. ed. Salvador: Editora Segundo Selo, 2021. 86 p.

ISBN: 978-65-86754-45-2 [e-book]

1. Literaturas indígenas 2. Arte indígena 3. Cultura indígena
4. Brasil 5. México I. Título II. Autoras

CDD: 808.89





ESTÓRIAS ILUMINADAS

Uma celebração a Abya Yala



"Estórias Iluminadas" é uma compilação de narrativas, cantos, símbolos e músicas sob o imaginário latinoamericano que desenvolve o aspecto celebrativo da morte-vida-renascimento a partir de uma mirada feminina.

Surge como Espetáculo de Teatro de Objetos em 2014, e agora, partilhado com vocês em novos formatos: Livro Digital e Audiobook.

Desta maneira, contar e ecoar essas estórias, ouvidas desde a infância à juventude, é possibilitar portais de resistência e cura para além da cena teatral, tão passageira e efêmera.

Oriundas de diversas partes deste grande continente indígena, que também passou a ser negro, mestiço e kaaboko, apresentamos três Mitos-Estórias:

Da cultura ancestral Mexicana, "La Llorona"; da Amazônia indígena-kaaboka, "Tambatajá"; e da cultura popular das mulheres de ganho e pescadores da região de Salvador da Bahia, "A Dona do Abaité", aqui recontadas pelo olhar e voz das intérpretes-autoras.

Neste ano de 2021, com a premiação da Lei Aldir Blanc, através do Prêmio Jorge Portugal na Linguagem Teatro para publicação digital, este projeto renasce sob nova configuração, mantendo o mesmo entusiasmo de narrar Estórias em Celebração à ABYA YALA.

Importante salientar, aqui, que agora, ao invés de usar "Histórias", optamos neste novo ciclo pela palavra "Estórias" para enfatizar as narrativas tradicionais contadas e cantadas por mulheres.

A contraposição à grafia "História/History" vem sendo apontada por movimentos de mulheres espalhados pelo mundo, justamente por reforçar uma ideia de mundo escrita pelos homens cis.

Por isso mesmo pensamos que, por se tratar de uma perspectiva feminina sobre o mundo, o melhor termo a ser explicitado aqui seria "Estórias", um tensionamento para pensarmos essas "Estórias Delas".

Afinal, contar e montar "Estórias Iluminadas" foi, desde o início, uma celebração ao feminino, escritas e narradas por mulheres sul-americanas. Portanto uma HER-STORY da América indígena, negra, mestiça.

Para não perder o senso de defesa de nossas culturas ancestrais, estamos atentas aos estrangeirismos gráficos e conceituais, entendendo que, até aqui, engolimos e regurgitamos à nossa maneira, criativa e Antropofagicamente ladina.

Não podemos esquecer que embora a acepção da palavra "História" se trate da ciência que estuda a humanidade ao longo dos tempos, não devemos perder de vista que foi forjada sistemicamente, sobretudo, por uma abordagem masculina e cis do homem branco europeu.

Partilhar aqui essa questão sobre as narrativas femininas é compreender fundamentalmente a elaboração do mundo pela boca das mulheres. E contar as "Estórias" delas/ nossas, representa paulatinamente o desenvolvimento ao longo do Tempo das feminilidades possíveis que resistiram à lâmina, à fogueira e seguem reverberando...

Afinal como todes sabemos, é pela boca das mulheres que o mundo é apresentado primordialmente. É pela boca das mulheres que são também entoados os cantos fúnebres da morte. É pela boca das mulheres que o som profundo de transformação e celebração à Abya Yala é ecoado.

O termo "Abya Yala" - a princípio utilizado pelo povo KUNA, que hoje habita parte do território da Colômbia, aqui é empregado para fortalecer essa perspectiva epistêmica baseada nos saberes ancestrais das mulheres na América Latina - essa Terra Viva, Terra Molhada, Terra em Florescimento, tão explorada e sucateada. E tão potente em suas estratégias de invenção e sobrevivência.

Neste sentido, que este novo projeto renasça com a força resiliente das nossas mulheres Latinoamericanas. Mulheres Negras, Indígenas, Kaabokas, Mestiças, que, insistidamente, reverberam estórias tão antigas como a vida-morte-vida.

No fim se engana quem pensa que a morte é o final. E como prova dessa ciência eterna da transformação, convidemos a todes a participar deste rito.

Xan Marçall



Prólogo



Para iniciar as Estórias Iluminadas, é necessário saber que nenhuma gira se abre sem a saudação às Aves Ancestrais.

Elas são meninas jovens e velhas. Mulheres que ensinam outras mulheres o canto ancestral das aves. E há tantas mulheres de todos os tipos espalhadas por todo mundo.

Para todas elas, Cis, Trans, Travestis, esse círculo de pólvora e fogo é aberto para que as Aves em revoada anunciem no céu, fazendo lembrar que este é o canto do antigo chamado. ABYA YALA.

Som que nos sobressalta, convoca, espanta e cura. Ecoando infinitamente a vibração transformadora que muitas vezes algumas de nós esquecemos.

Antes de seguir adentro essa gira, tire alguns minutos.

Medite e saúde a sua Ave interior, emitindo bem alto o som de algum pássaro. Não pensar que estás fora de controle, mas tu sabes o bem que isso fará à tua ave ancestral.

Saravá! Asé! Indauê!



Canto
As aves cantam

branco, pedra, roda.
chama osso, vibra.
prata ascende, aura.
gira ouro, vidro.
rosa, canta, sobe.

branco, pedra, roda.
gira, ouro, sobe.
canta, ascende, é tua hora.

não te perca em teu caminho
pedra, vibra, chama,
circulo de fogo.

rosa, vidro, aura, chama, vibra, prata,
osso, pérola sobre tua cabeça.

uma flor se abre dentro do teu peito



O coração

Sabia que o primeiro órgão a se formar no nosso corpo, quando ele ainda é bem pequeno, bem pequenininho do tamanho de um caroço de feijão, é o coração?! Imaginem aí, que daquele tamanhozinho o coração já pulsa forte!

Tum. Tum. Tum. Tum.

Sabia que o coração produz um sinal eletromagnético que pode ser irradiado até três metros de distância?

Isso quer dizer que se estiver amando alguém e essa pessoa estiver no alcance do seu campo, existem grandes possibilidades de uma comunicação sutil ocorrer, pois o coração é uma poderosa tecnologia. O nosso wi-fi de sentimentos, convocações e desejos. Ouve só ele batendo.

Tum. Tum. Tum. Tum.

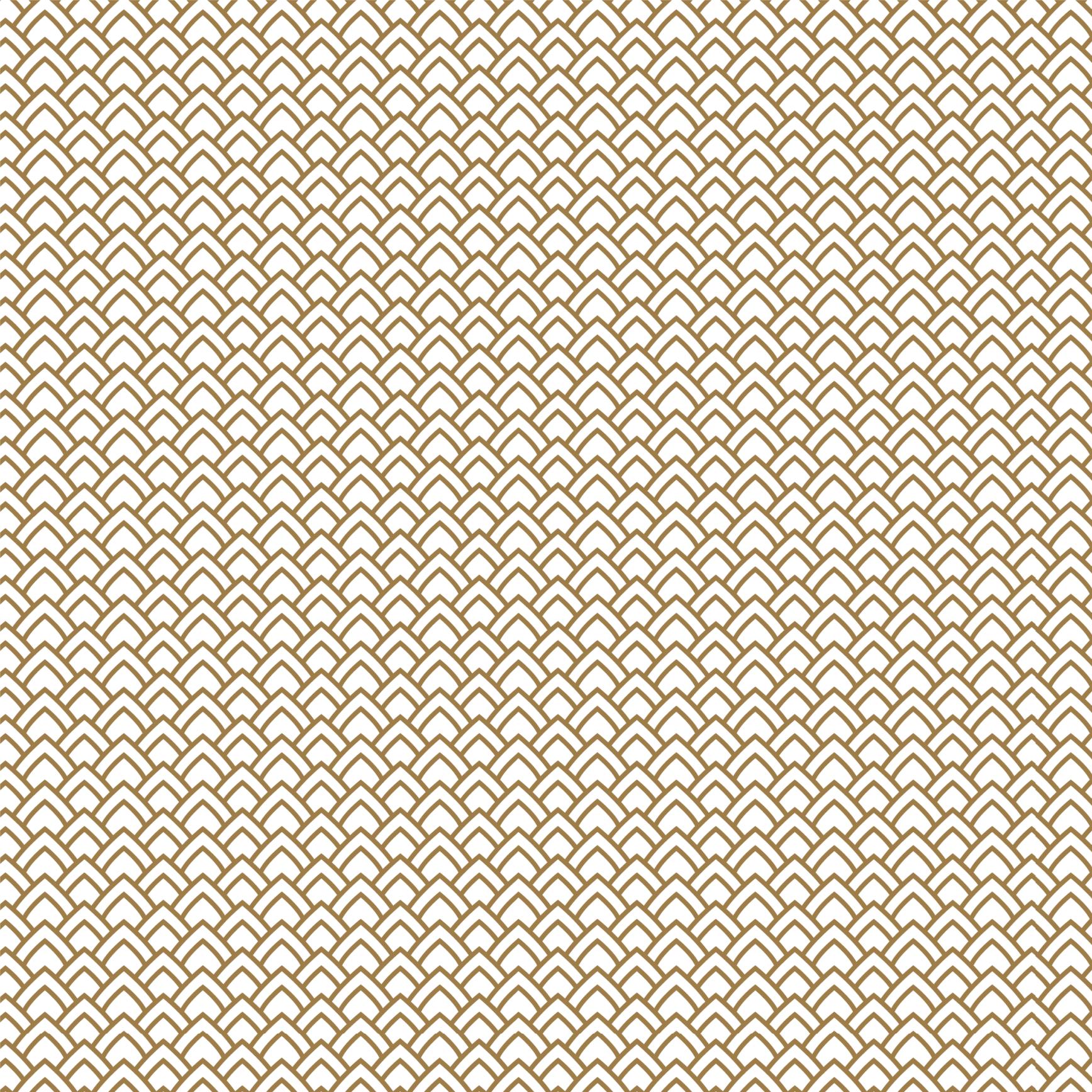
Sabia que o coração é um fractal do sol? Ou seja: todas nós carregamos dentro da gente um pedacinho do sol no peito. E ele é tão quente, tão poderoso que dá para sentir seu calor tomando conta do nosso corpo.

Tum. Tum. Tum. Tum.



*Canto
Clareia*

fogo, clareia
estala pedra pelo chão
instala e fica no peito para me aprumar
ei, fogueira
do lado esquerdo a bombear
faz da mágoa cinzeiro
pra poder continuar a queimar
a queimar



Tambatajã





Há muito tempo atrás, quando eu ainda não havia nascido nesse corpo, os meus ancestrais, já sabiam que na estória do mundo existe um movimento circular.

Eu mesma já encarnei em tantas peles, já tive tantos rostos.

Já fui negra de olhos azuis, branca de lábios carnudos, já fui cobra venenosa, erva daninha, já fui barata, lagarto, fungos, minhoca, já fui lama...

Já fui tudo o que é tipo de espécie de ser vivente. E no princípio, fui até estrela.

Beijei tantos lábios... de homens, mulheres... E até mesmo de anjos e demônios.

Amei e morri muitas vezes.

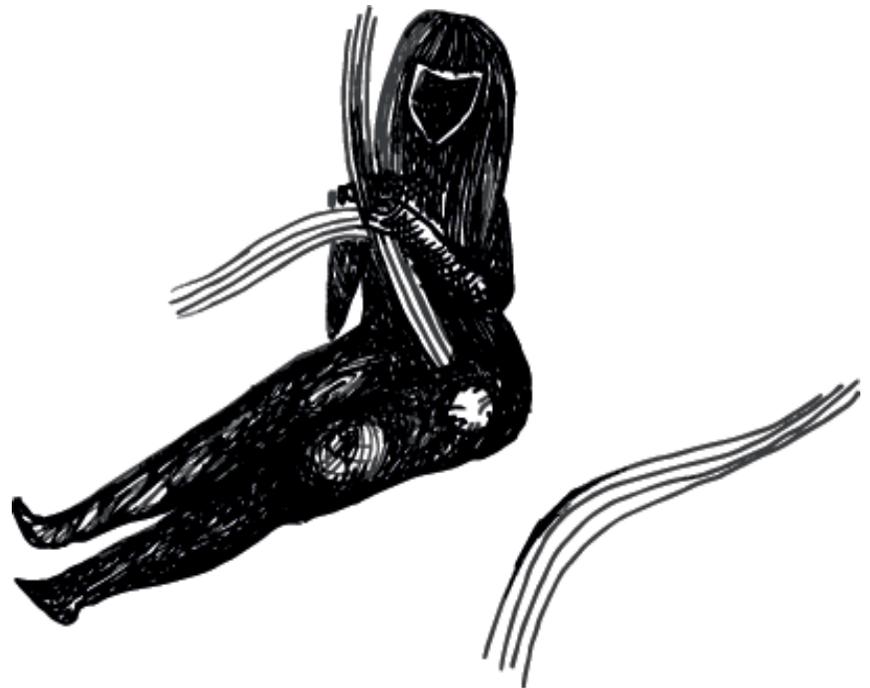
Mas de todas essas vidas que vivi até aqui, eu só não me recordo de uma delas.





Outro dia, guardado no tempo, uma sábia Kaaboka de terras indígenas, envelhecida pelos tempos, contou-me uma estória.

Era preciso amar. A amar e aprender a despedir-se. Amar e saber se transformar.



Entre os Macuxi havia um índigena forte e muito inteligente.

Um dia, ele se apaixonou por uma bela macuxi.



Casaram-se logo depois e viviam muito felizes.

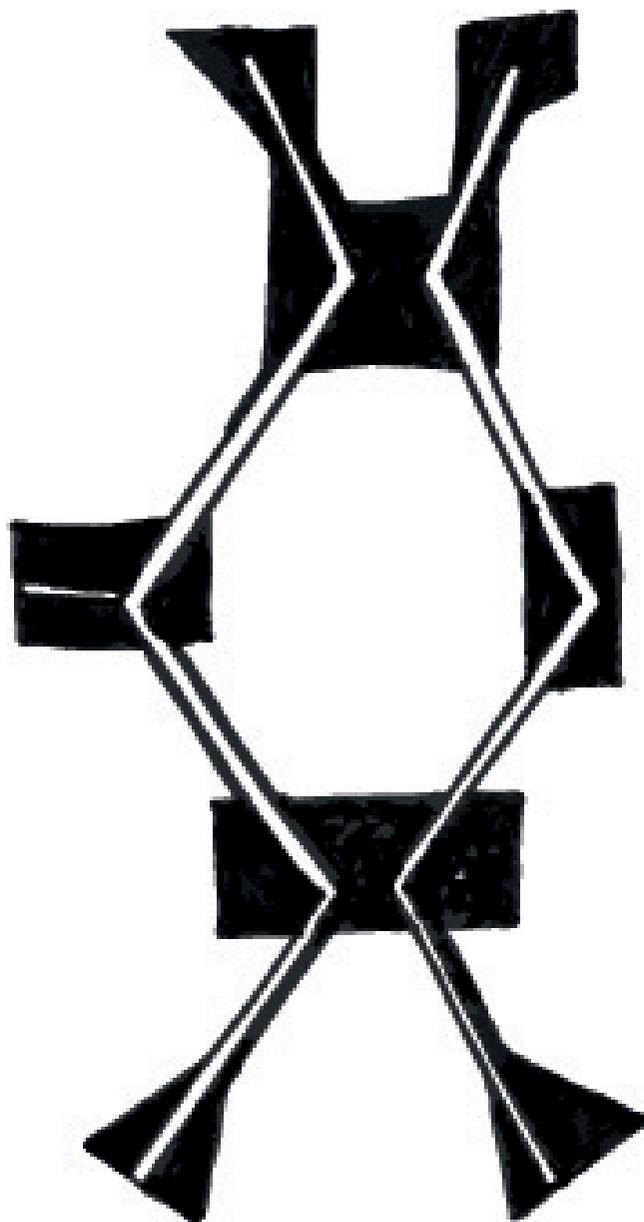


Até que um dia a índigena ficou gravemente doente e parálitica.



O Macuxi, para não se separar de sua amada, teceu uma tipóia e amarrou a cunhã às suas costas, levando-a para todos os lugares em que andava.





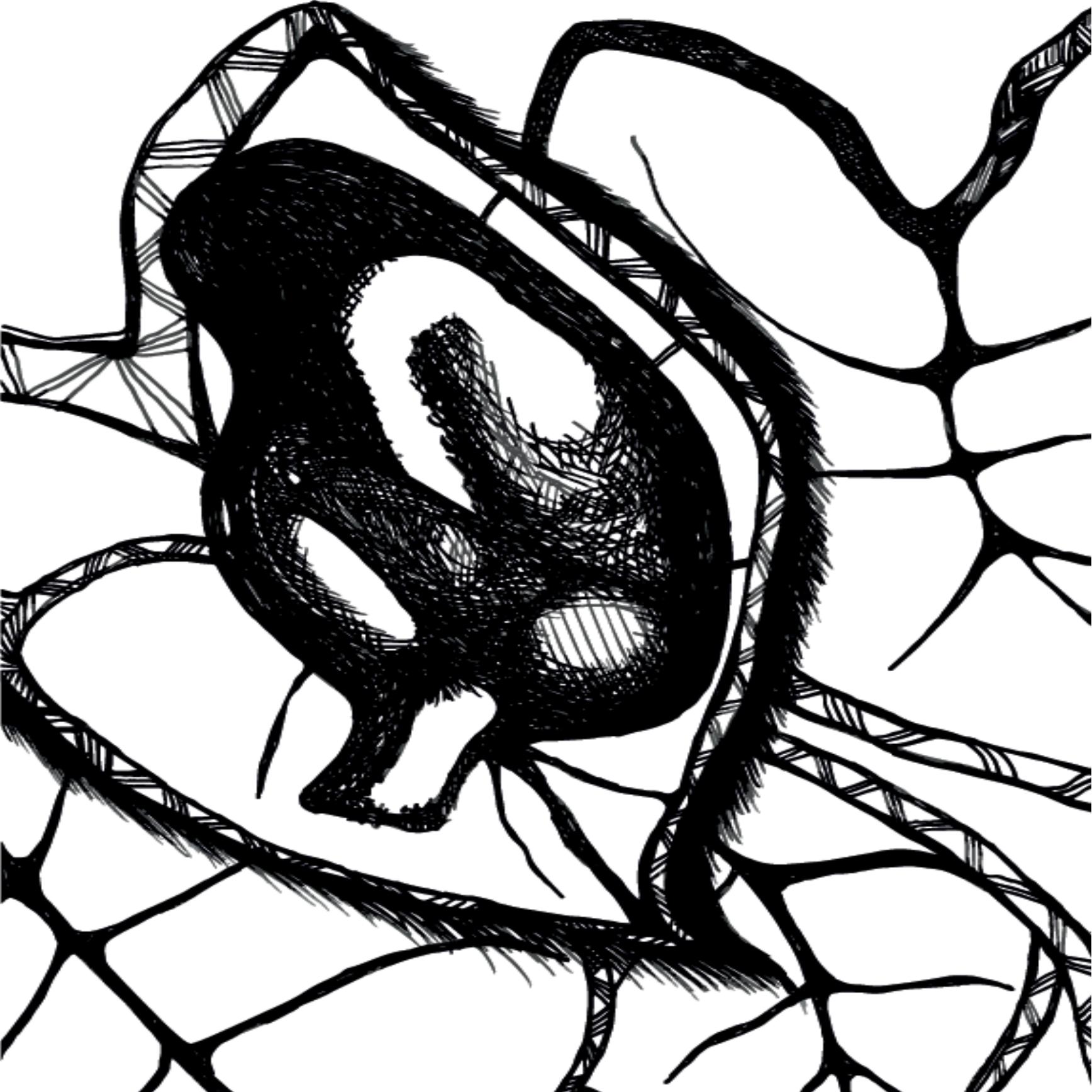
E assim ele caminhou dias, debaixo de sol e de chuva.

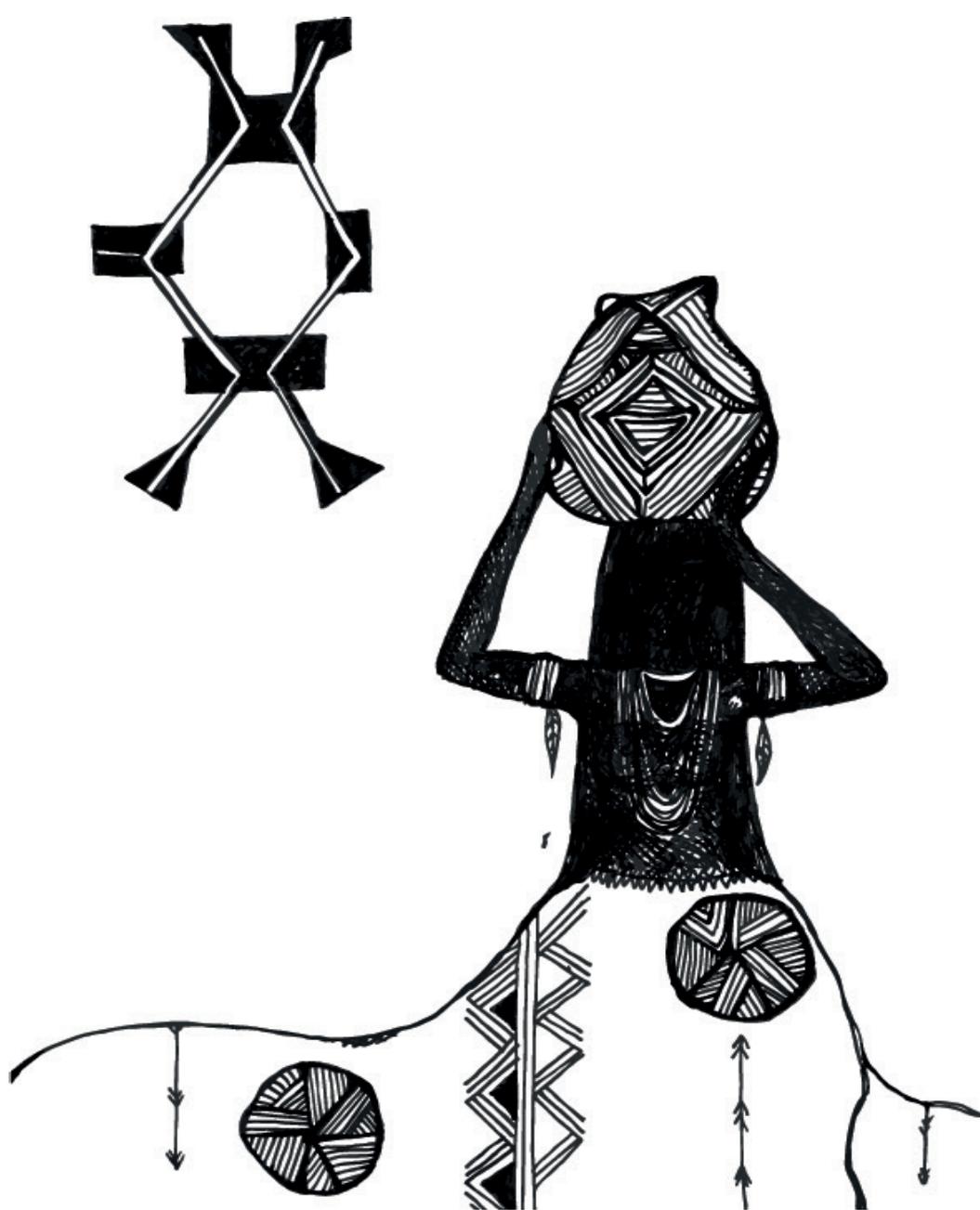
Visitando outros parentes, remando em sua canoa sobre o imenso rio.



Certo dia, porém, o abá sentiu que sua carga estava mais pesada que o normal.

E qual foi sua tristeza, quando desamarrou a tipóia e constatou que a sua cunhã tão querida estava morta.





O abá foi até um lugar secreto dentro da floresta e cavou um buraco à beira de um igarapé.

Enterrou-se junto com a amada, pois para ele não havia mais razão para continuar vivendo.

Algumas luas se passaram. Chegou a lua cheia.



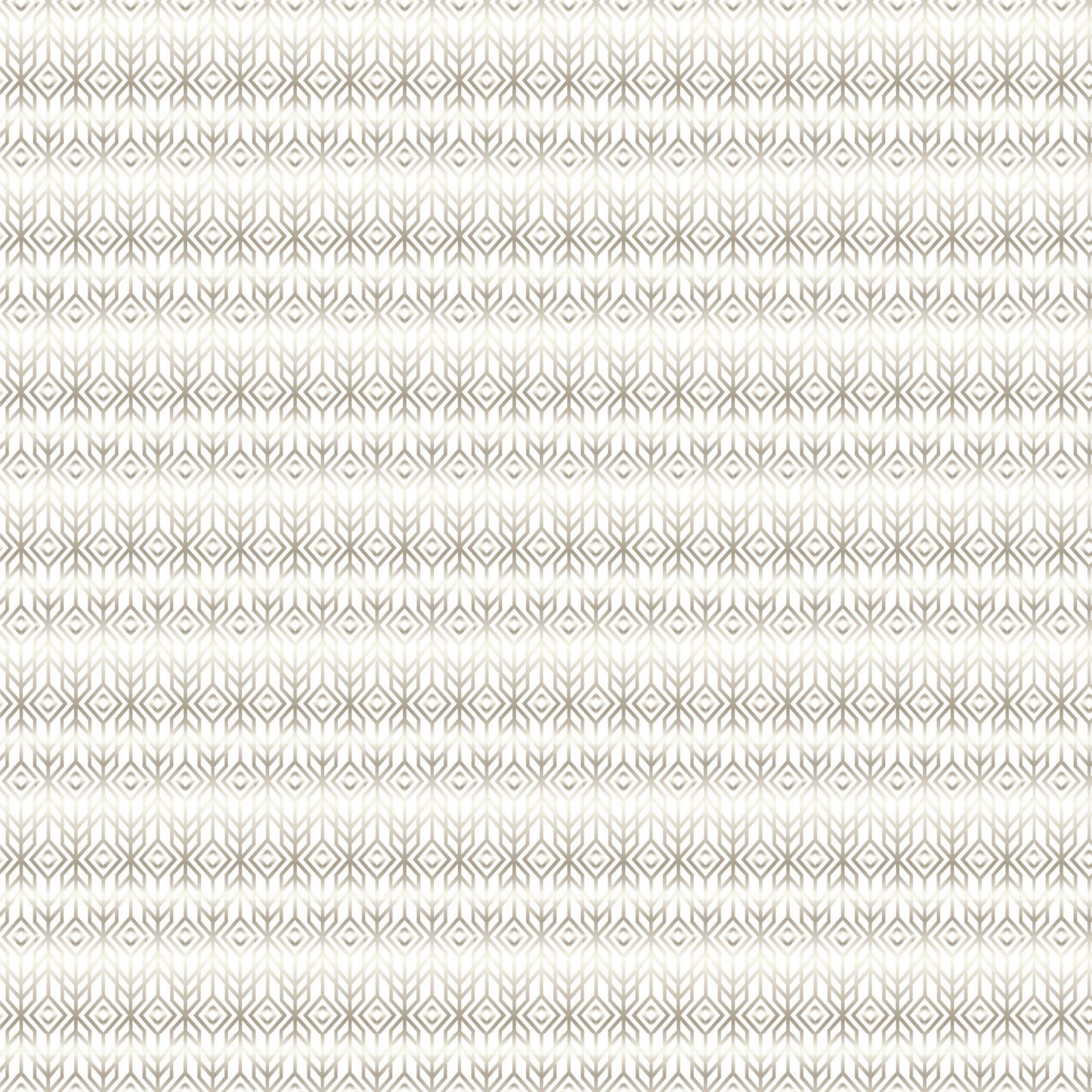
E naquele mesmo local começou a brotar na terra uma graciosa planta, espécie totalmente diferente e desconhecida de todos os Macuxis.



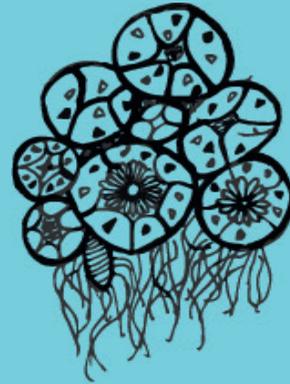
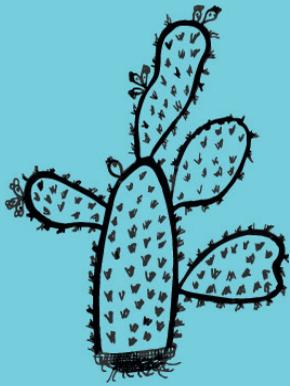
Era a **TAMBATAJÁ**, planta de folhas triangulares, de cor verde escura, trazendo em seu verso uma outra folha de tamanho reduzido.

A união das duas folhas simboliza o grande amor existente entre o casal Macuxi.

**Dizem que quem cultivar essa planta em sua casa, será retribuído
com poderes místicos.**



La Llorona





*Canto
aguacero de mayo*

aguacero de mayo
(coro) aguacero de mayo
dejalo caer
aguacero de mayo, tambien dejalo caer
que linda tu casa e' palma
(coro) que linda tu casa e' palma
que linda tu varazón
(coro) que linda la que está dentro se me parte el corazón
aguacero de mayo
(coro) aguacero de mayo
dejalo caer
aguacero de mayo, tambien dejalo caer
mañana cuando me vaya
(coro) mañana cuando me vaya
quién se acordará de mi
solamente la tinaja, por el agua que bebí
aguacero de mayo
(coro) aguacero de mayo
dejalo caer
aguacero de mayo, tambien dejalo caer



Em terras ancestrais de algum lugar ao norte de Abya Yala, existia uma cidade mágica erguida entre as montanhas e as entranhas da terra.

Canto mira la luna

mira que mira la luna
mira que vira candela

ai, ai, ai , ai , ai ai.
mira que mira la luna
mira que vira candela

ai, ai, ai, ai, ai, ai

En Michoacán son las cuatro de la mañana.
La temperatura está a veinte y cinco grados.
Hace mucho frio pero el cielo está límpido y claro.
Tamales padrisimos!
Tamales y elotes muy ricos!
Damas y cavalleros
Paletas de chocolate,
Paletas de chocolate seis pesos!

mira que mira la luna
mira que vira candela
ai, ai, ai , ai ,ai
mira que mira la luna
mira que vira candela
ai, ai, ai, ai, ai..

En Oaxaca el mejor mezcal de México!

Te quiero, te quiero mi amor. Te amo!

Noticia de última hora...

Cada hora, cada dia...

El borracho caminaba por la calle, siguiendo hasta al
panteón.

Calavera, calaverita de azúcar!



Nas noites de festejos populares, descia dos céus uma linda mulher, por estreitos degraus cobertos de estrelas, alcançando a um só passo de perna o alto de uma pirâmide gigantesca.

Era a Rainha Ixchel, a grande tecelã, que trazia consigo uma diversidade de segredos.

O povo a recebia com reverência e silêncio, pois sabia que quando Ixchel aparecia para realizar os ciclos cósmicos, por um longo período de luas, haveriam muitos nascimentos, mortes e renascimentos.

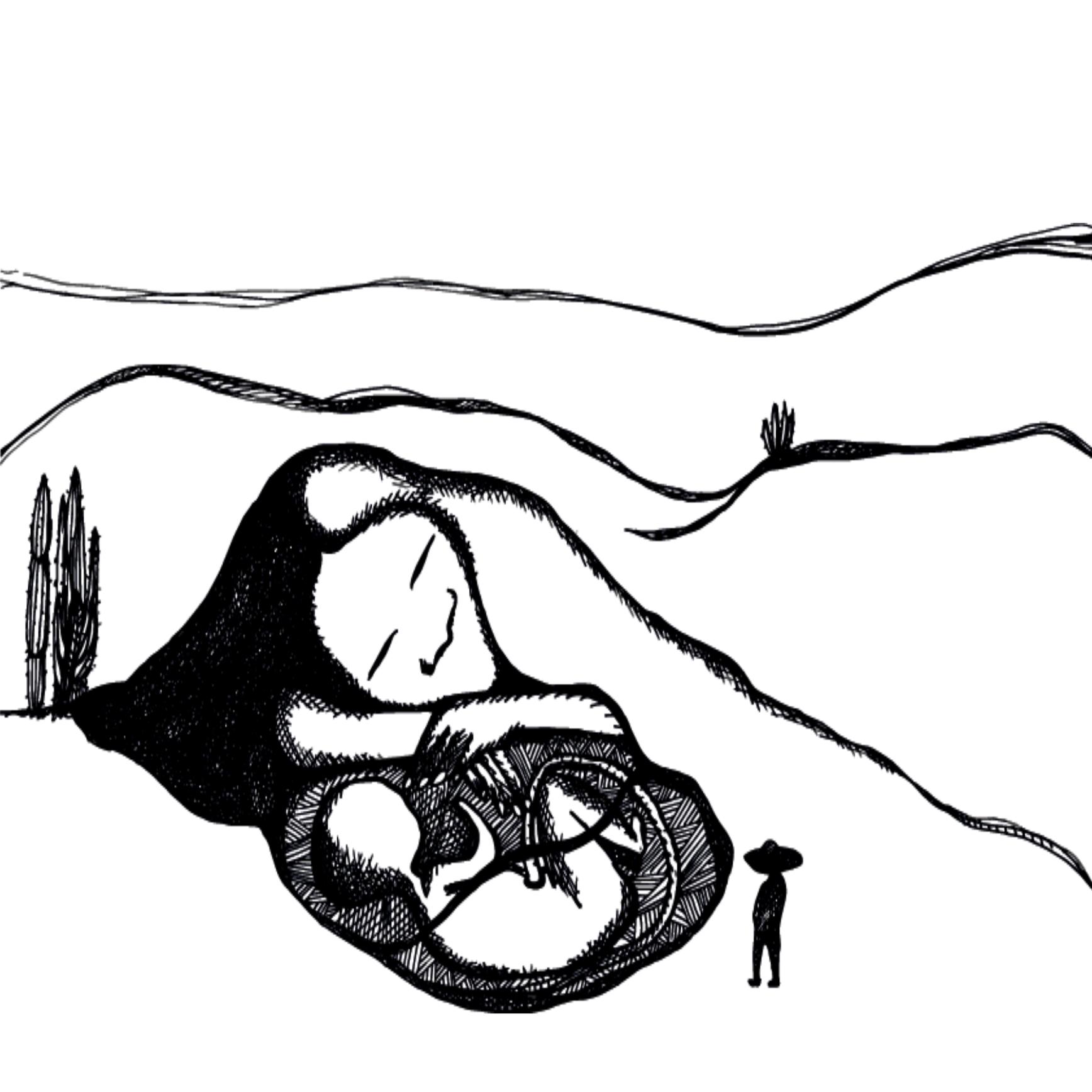


Certa vez, caminhava, pelas terras de Anáhuac, uma mulher maia. Seus longos cabelos negros se contrastavam com o branco de seu vestido, que dançava com o vento, deixando ver que estava grávida.

Já cansada de tanto caminhar, a mulher sentou-se à beira do lago Texcoco, e aí se pôs a deliciar-se em suas águas.

Quando olhou-se nas águas cristalinas do lago, viu o reflexo da lua e entendeu como era o fio invisível que a conectava com todas as mulheres desde a criação do mundo.

E assim estava e assim adormeceu.



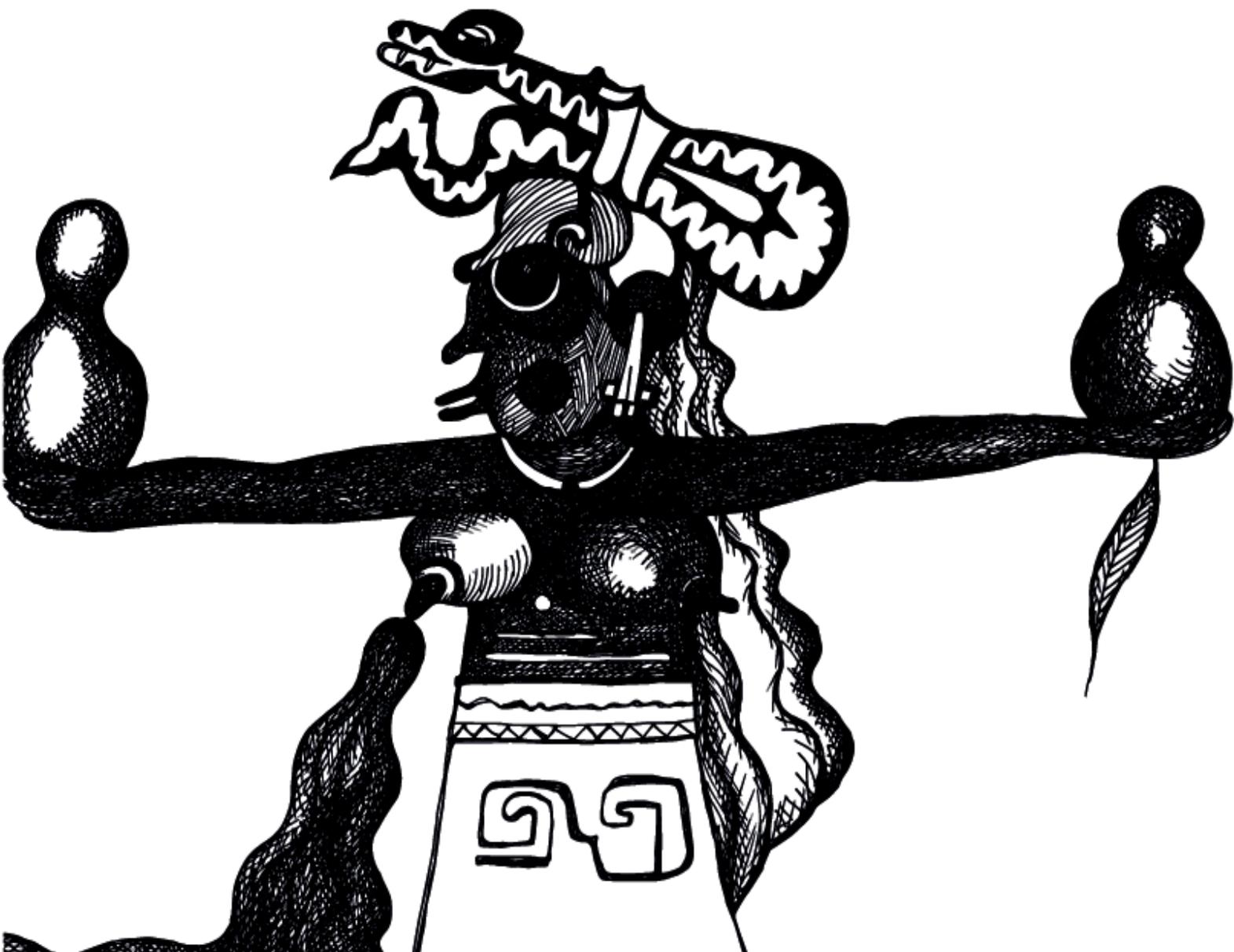
Antes do dia amanhecer, ela despertou sentindo fortes contrações. Então entendeu que era a hora de dar à luz.

De cócoras, na beira do lago, respirou fundo, fez força e viu sair de dentro de si um lindo bebê.

Lhe pegou em seu colo, lhe deu de mamar e assim estava, quando sentiu que havia uma outra criança dentro de seu ventre.

Mais uma vez ela se pôs de cócoras, respirou fundo muitas vezes. Mas nada da criança sair.

Então ela decidiu cantar.



Quando enfim a mulher deu à luz o seu outro filho, viu que ele não havia nascido vivo como o irmão.

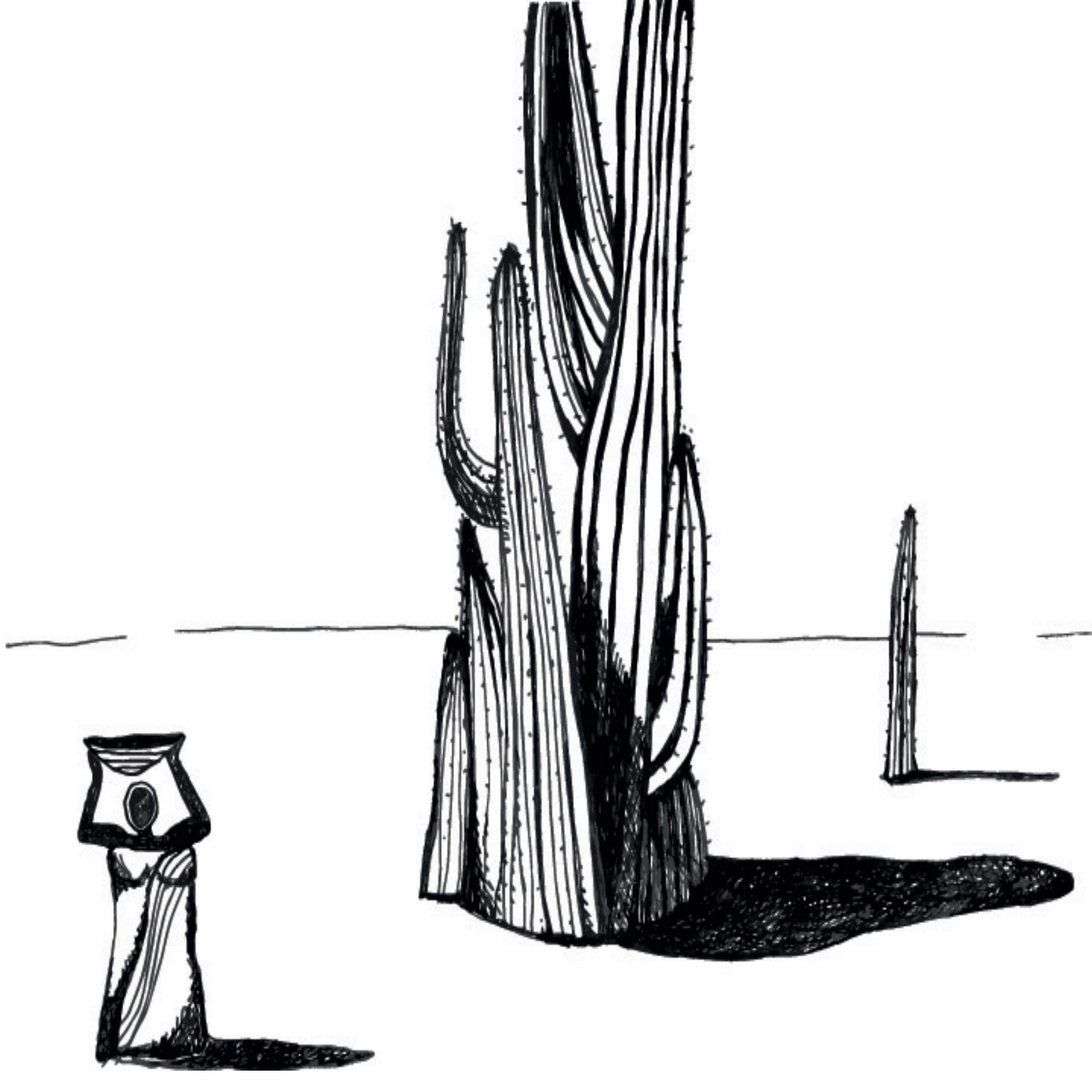
Então, ela chorou, a mulher.

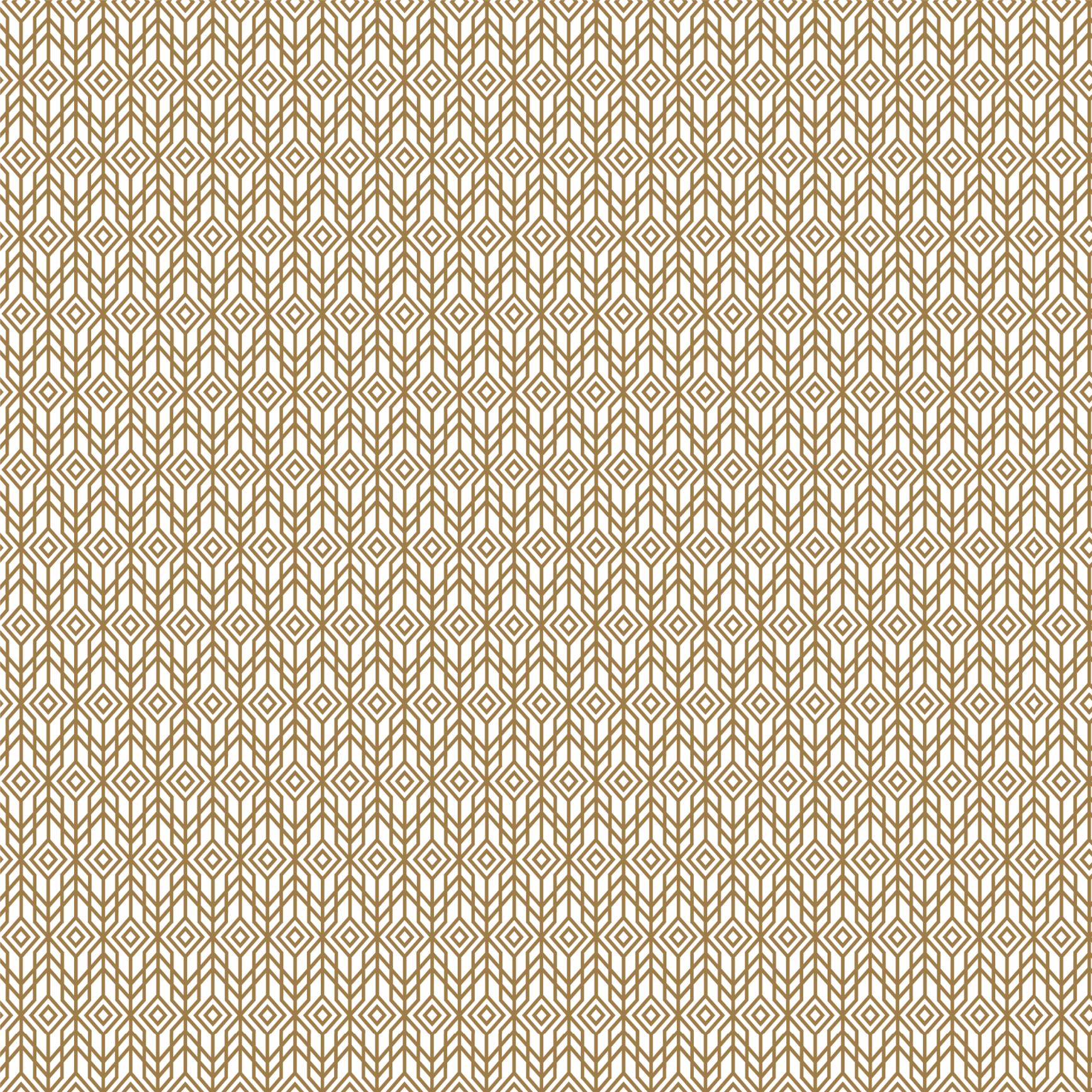
Chorou pelo filho que havia nascido vivo, chorou pelo filho que havia nascido morto, os aninhou em seu colo, lhes deu de mamar e, em meio ao delírio da lua, em meio ao delírio do amor, a mulher se jogou com as suas duas crianças nas águas do lago Texcoco, onde lhes amparou a velha Rainha Ixchel. A grande tecelã, que conhecia como ninguém o melhor momento de verter seu jarro de água sobre a terra.



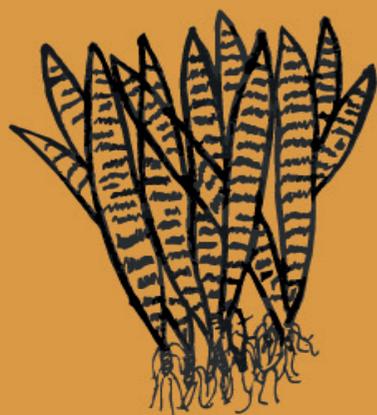
Desde então é nas noites de luar, é nas terras de Anahuac que se ouve um doce gemido de mulher.

Lá vai Chorona, solta no vento, sem rosto, sem idade, sem tempo, chorando e cantando, assim se vai. Rio abaixo do rio, nas profundezas líquidas do amor.





A dona da Abaité





Canto
sambas de caboco

**ô canoa, não me jogue n'água
aqui tem obaluaê, aqui tem mãe d'água.
sereiá, sereiá
sereiá, sereiá...
eu nunca vi tanta areia no mar, ô ô sereiá...
peço licença pra na água nadar, ô ô sereiá**



Dizem que no tempo das antigas, no tempo das pedras, muito bem antes do tempo de baleia, se via e ouvia era coisa lá pras bandas de Itapuã, a pedra de ponta.

"Naquele tempo era um silêncio das águas, sabe?" dizia Dona Cofinha.

Um silêncio tão profundo, silêncio horizonte, largo em imensidão, que cada fagulha no chão ou no vento saía... Um silêncio que dava para ouvir as coisas com o corpo inteiro. Com o ouvido dava para catar bicho, vento cantando planta, chuva gemendo e até pedra falando.

É? É sim! Por lá, em Itapuã, pedra roncava briga... "parecia um trovão quando o mar batia".

Tem que ter ouvido pra escutar... E pedra? Pedra deve é ter coisa para falar, porque ô bicho velho... são seres milenares... Devem ter visto e ouvido coisa...



Diz que dá pra cavar água doce a trinta metros da praia... como pode?

Diz que tem marca de pegada de um kaaboko em pedras pros lado de Piatã...

Mas lá em Itapuã, na "pedra de ponta", o que mais contam as pedras e as antigas, é das visagens do Abaité, que é lugar para se pisar manso e de coração limpo.



Mato grande, de aroeira, espinho pramatória, pau de ferro, cajueira - tudo vivendo junto com areal quente, de areia branca e muito fininha, arrudiando a lagoa de um escuro bem forte... A Lagoa do Abaité!

Muita coisa já se viu por lá, mas nada nem chega perto da visagem da Mãe D'Água, a Dona do Abaité. Ypupiara, Uyara, aquelas de dentro d'água.

Diz que ela chega no alto da noite e fica até o primeiro clareio da manhã nas margens da lagoa, sentada num cepo de baleia (daqueles que o povo usa para bater roupa) e com a pele morena iluminada pela lua de prata, põe-se a pentear seus longos cabelos verdes.

Aparecia sempre com o corpo de frente para lagoa e nos dias de pino de lua. Ela ficava imensa no Abaité, dando para ver o contorno do seu corpo em harmonia com as águas.



Muitos guerreiros, encantados com sua formosidade, tentavam se aproximar dela, mas se ela os visse, era difícil ter volta. Cada vez que chegavam perto, ela se jogava na água, desaparecendo.

Tinha os que ela deixava pra lá e de tanto esperar, desistiam. Mas tinha aqueles que, da água, ela chamava, com um canto tão sinuoso, um feitiço sonoro que a única saída possível era o guerreiro ir ao seu encontro.

Agora... Quem é filho da terra sabe, né? Que no Abaité tem perau, tem fundo falso, aquela lama toda... e o perau dança junto com o canto da Mãe D'Água. Água e areia se movem no compasso da canção e, a cada som, a lama da lagoa vai aos poucos envolvendo o guerreiro.



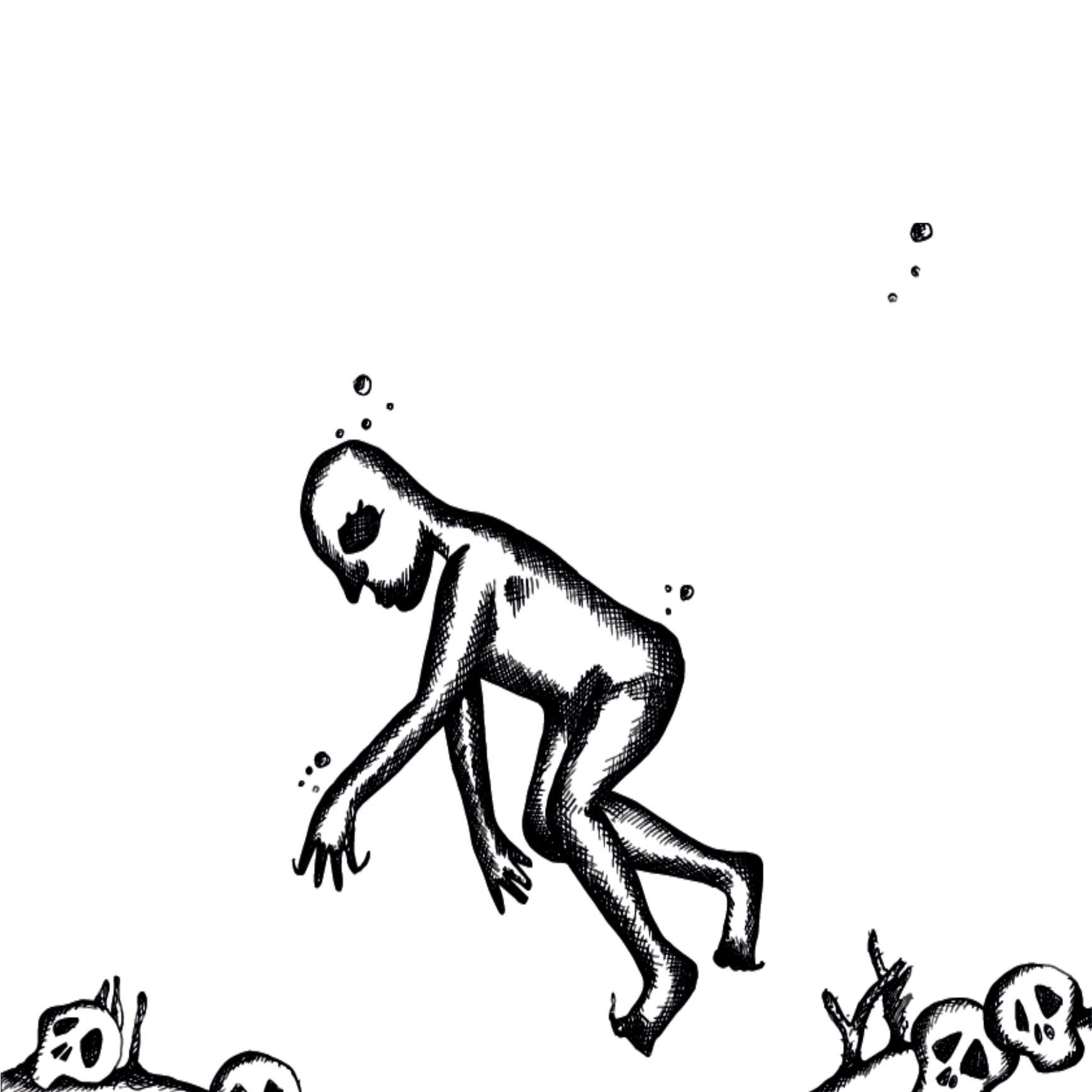
Uaiyaiêai
Carne, Carne, Carne!
Carne, Carne Carne!

Debaixo d'água, seus cabelos crescem como vegetação, envolvendo o forte moço. Mãe D'água lhe abraça e lhe beija tão intensamente, apertando tão forte o corpo dele contra o seu, que os ossos do guerreiro vão se quebrando um por um por dentro da carne, até o seu último suspiro.

Uaiyaiêai
Carne, Carne, Carne!
Carne, Carne Carne!

Ela, ao perceber que traz consigo o corpo inteiro, mas desfalecido, do moço, geme um gemido sentido, um canto de soltura e larga e foge, deixando o morto preso no perau, entre os restos dos seus cabelos de planta.

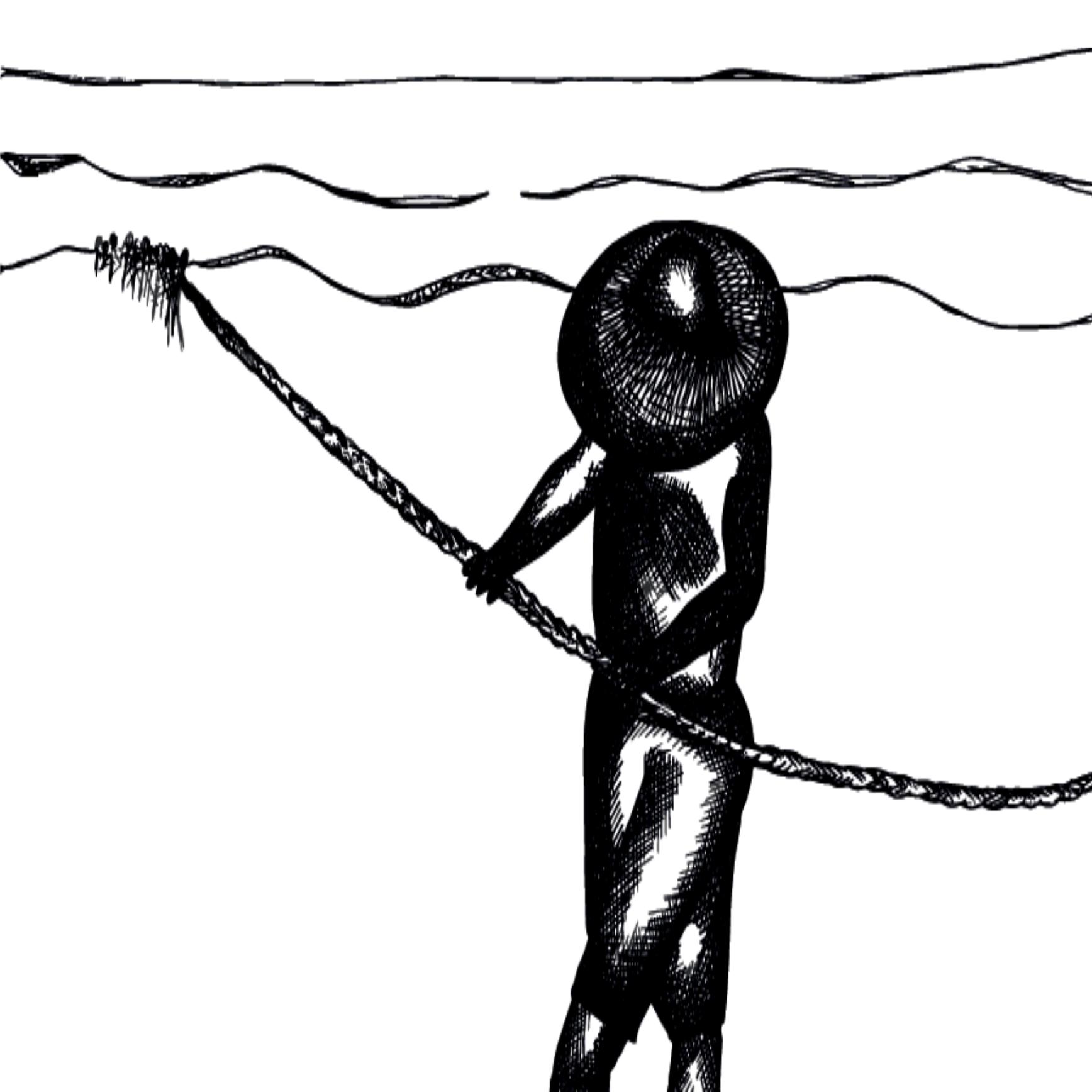
Dizem que ela devora os olhos, os narizes, as pontinhas dos pés, das mãos e principalmente as genitálias. De resto, fica inteirinho até uns quatro dias, antes de chegar na superfície.



As antigas que tiveram a visagem, assim como as pedras, falam dela com medo mas com respeito, pois é Mãe D'água, a rainha das águas doces, quem protege a lagoa e seus entornos.

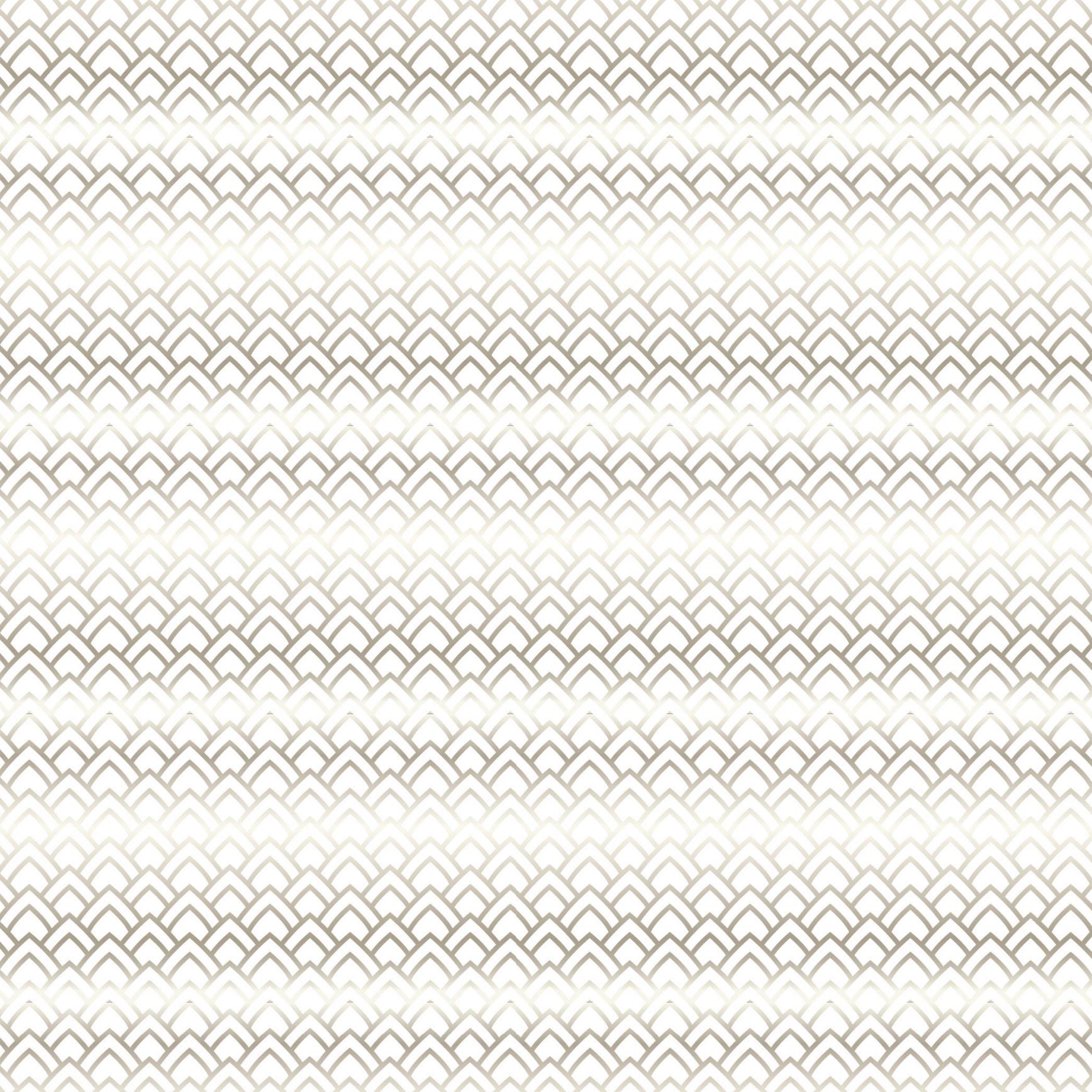
E por esse respeito, muitos lhe oferecem frutos, flores...

Outros, nos tempos de baleia, ofereciam milho branco e mungunzá com mel de abelha para as sereias encantadas... pedindo proteção e agradecendo pela abundância e pela fartura na pescaria.



*Canto
samba da mãe d'água*

quem não ouviu, não viu
nem acreditou, contou
presente, o passado mostrou
mistérios do abaeté
morena encantada surgiu
na lua de prata brilhou
seu canto envolvente, sedutor
soou lá das pedras ao luar
silêncio nas águas a pairar
quem vê fecha os olhos da razão
e segue pros braços do perau
pra se entregar a ela
é ypupiara, sereia, uyara
é dona das águas,
é a encantada
mãe d'água, mãe d'água, mãe d'água, mãe d'água,
é dona das águas, é a encantada



Canto final.
mana

**Mana, teus cabelos, mana,
são uns arvoredos.
Mana, teus cabelos, mana,
são uns arvoredos.**

**bota fogo neles, mana,
de manhã bem cedo.**

**bota fogo neles, mana,
de manhã bem cedo.**

Epiloga



E assim, como tudo que nasce, morre,

como tudo que se inicia, se encerra,

para todo começo, um fim.

Renovando continuamente novos aspectos de realidade, realiza essa que habita em cada uma de nós.

Não há medo, coisa inventada para fazer imobilizar e deixar de progredir.

Um passo após o outro e a estrela no céu sempre a luzir.

E para que a angústia no coração?

Para que desesperança se tudo um dia vai explodir, sem confusão?!

Desenlace. Adiantamento. É objeto sagrado em nossas mãos.

Olhe para o céu um instante - tá nublado - mas veja: um rio passa sobre as nossas cabeças!

Se ele desaba, viramos água, Serpente alada vestida de chuva e vapor.

Não há para quê dor!

Tudo o que vem, retorna e tudo o que retorna, transforma, como jibóia encantada que morde o rabo.

Não há para quê temer, se ao fecharmos e abrirmos os olhos o dia renasce para todas e todos e nos faz merecer.

E são tantas mulheres. Criadoras. Destruidoras. Transformadoras.

Sob tantos aspectos temos de pensar: o que de melhor elas têm a nos ensinar?

Quem sabe essas Estórias sejam o fim de mais um ciclo de tantas vidas que vivemos?

Que seja, mas que elas possam sempre iluminar quem quer que as escute, em qualquer lugar do mundo, em qualquer tempo.

Porque uma coisa é certa em tempos tão difíceis: Sempre farão ecoar as nossas vozes, reverberando tantos nomes de mulheres jamais esquecidas.

E uma delas conhecemos bem.

Chama-se Abya Yala.

A quem dedicamos essa canção Latina Americana! Para nos lembrar que aqui fincamos os pés e a cabeça.

A todas nos despedimos com um singelo sorriso vermelho no peito.

Bons sonhos. Bom descanso. Boa passagem. Boa morte.

Sempre é tempo de ascender.

Nascemos todas para brilhar!!!



Glossário de plantas de poder



Datagueira



Tambatajá



Peyote



Driprisca



Avenca



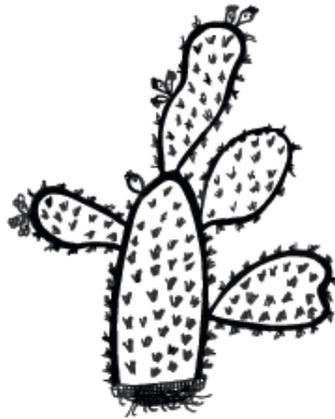
Lanza de Ogum



*Trevo de
Quatro Folhas*



Arruda



Nopal



Folha de Guiné



Flor da Lua



*Comigo Ninguém
Pode*



Espada de Oqum



Pimentaíra



Cravo

S
O
B
R
E
A
S
A
U
T
O
R
A
S



Xan Marshall é paraense-paraoara, Amazônida, de Belém. Radicada em Salvador. Atriz, Professora de Teatro, Arte-Educadora, Escritora. É formada em Licenciatura em Teatro UFBA. Membro Fundadora do Coletivo DAS LILITHS -BA e da HONORATO - Plataforma Criativa. Vem desenvolvendo trabalhos no Teatro e na Pedagogia que reverbera imaginários em defesa das narrativas produzidas no NORTE E NORDESTE BRASILEIRO. Sua pesquisa é atravessada por questões de gênero e sexualidade, identidades kaabokas na Amazonia e a morte e o morrer em narrativas ancestrais de Abya Yala e as questões voltadas ao corpo transpositivo. É ativista HIV/AIDS, trazendo a discussão para a cena teatral. É ainda ilustradora, escritora, artesã e Cromoterapeuta.



Mo Maie é compositora, multi-instrumentista, arte educadora, produtora cultural e pesquisadora da música do transatlântico afroameríndio. Os instrumentos musicais que lhe acompanham traduzem sua poética e sua forma de ser/estar no mundo e na música. Suas composições expressam a fusão da diversidade musical brasileira com sonoridades ancestrais africanas, a world music e o experimentalismo. Atuante na Honorato Plataforma Criativa, é idealizadora da Incubadora Djalô Música Nomad, trabalho autônomo, focado em pesquisa, comunicação e arte educação, sob o viés da afrocentricidade, valorização da mulher e de nossas culturas originárias.



Lix Novaes é artista da cena, cantora, professora de teatro, compositora, mestre em Artes Cênicas e produtora cultural. Se interessa por ações culturais diretas a partir grupos culturais e iniciativas de arte, teatro educação, cooperação e tecnologias sociais e ancestrais no ensino básico e na comunidade. Idealizadora da plataforma de Arte e Educação Moiras Realizações e do agrupamento @pedradepontaeemterrasalobra. Integra a Cia de Revista da Bahia e a Honorato Teatro e Encantaria. Sonha sentindo o chão e se estimula por criar em colaboração e a partir possibilidades sonoras e plásticas ancestrais afroindígenas.



Jussara Fonseca é atriz, educadora, professora e artesã. Atuante na Honorato Plataforma Criativa. Coordenou e atuou como educadora do espaço artístico cultural para crianças, a CAIS, Casa Azul Instrumento Social, na comunidade do Morro da Sereia em Salvador- BA. Ministrou curso de teatro no Espaço Casa Forte. Atuou diversos espetáculos teatrais, "Imersas", de Yohanne Marie, "Estórias Iluminadas" de Xan Marçall; foi diretora assistente da peça "Roda de Fogo", de direção de Sonia de Britto além de realizar "Mulher Cigana", com atuação e direção de sua autoria. Foi assistente no projeto com crianças refugiadas em Hamburgo na Alemanha, sob coordenação de Stephanie Bangoura e assistente de direção de aulas de teatro na Reggio Emilia, Emilia Romagna, Italia, sob coordenação de Silvana Denaro.

Créditos dos textos, canções, roteiros das histórias

Textos de Introdução "Estórias Iluminadas: Uma Celebração a Abya Yala", "Prólogo", "As aves Cantam", "O coração" e "Epílogo": Xan Marçall

Estória "Tambatajá": Jussara Fonseca e Xan Marçall

Estória "La Lhorona": Mo Maie e Xan Marçall

Estória "A Dona do Abaité": Liz Novais

Canto "Clareia": Liz Novais

Canto "Aguacero de mayo": Domínio público (canção popular colombiana)

Canto "Mira la luna": Mo Maie

Canto "Sambas de caboco": Domínio público (sambas de roda baiano)

Canto "Samba da mãe D'água": Liz Novais

Canto final "Mana": Domínio público (cancioneiro do sertão nordestino)

Menções bibliográficas em "A Dona do Abaité"

O trecho "Naquele tempo era um silêncio das águas, sabe?" faz referência à fala de um depoimento real de Seu Murilo, morador de Itapuã, sobre o bairro, registrado no livro "A voz de Itapuã", de Tania Gandon, editora EDUFBA (2018), página 221.

O trecho "parecia um trovão quando o mar batia" faz referência a um depoimento real de Seu Murilo, morador de Itapuã, sobre o mar do bairro, registrado no livro "A voz de Itapuã", de Tania Gandon, da editora EDUFBA (2018), página 221.

O trecho "Dizem que ela devora os olhos, os narizes, as pontinhas dos pés, das mãos e principalmente as genitálias." faz referência ao modo de matar das upuyaras tupis do Abaité, em citação ao trecho de "Tratados da Terra e Gente do Brasil" (1925), de Fernão Cardim, presente no livro "Camarajipe e Lagoa Abaité", de Frederico Edelweiss, do Centro de Estudos Bahianos (1969), página 11.

Estórias Iluminadas: Uma Celebração à Abya Yala

FICHA TÉCNICA DO PROJETO

Coordenação Geral e Produção: Liz Novais

Provocação: Xan Marçall.

Equipe Identidade do Projeto: Liz Novais, Mo Maie e Xan Marçall

Roteiristas do E-book: Liz Novais, Mo Maie, Xan Marçall e Jussara Fonseca

Roteiro original do espetáculo: Liz Novais, Mo Maie, Xan Marçall e Jussara Fonseca

Ilustração da capa e das estórias: Mo Maie

Ilustração contracapa e plantas de poder: Xan Marçall

Direção de roteiro: Xan Marçall

Produção e Direção Musical do Audiobook: Liz Novais e Mo Maie

Intérpretes Criadoras (Audiobook): Liz Novais, Mo Maie e Jussara Fonseca

Interpretação e Composição das Canções originais: Liz Novais e Mo Maie

Gravação, mixagem e masterização: André Tavares (Studio T)

Direção de Arranjo das canções: Ronaldo Bastos

Músicos (Audiobook)

Ngoni: Mo Maie

Baixo: Ronaldo Borges

Percussão: Alexandre Guedes, Moisés Macêdo e Mo Maie

Ukulele: Liz Novais

Design do projeto: Daniel Moreno

Desenvolver do site: Jones Mota

Editores do Ebook: Segundo Selo

Assessoria de Imprensa: Matheus Bonfim

REALIZAÇÃO



APOIO FINANCEIRO



O projeto "Estórias Iluminadas, uma celebração à Abya Yala" foi contemplado com Prêmio Jorge Portugal na linguagem Teatro para publicação digital e conta com apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

